

A estratégia de controle territorial do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (2014-2015)

The territorial control strategy of the Islamic State of Iraq and the Levant (2014-2015)

Resumo: O artigo aborda a estratégia urbana do grupo Estado Islâmico do Iraque e do Levante (2014-2015) na região de sua atuação primária entre os anos de 2014 a 2015. Busca-se analisar como a organização utiliza-se de seu domínio sobre territórios para construir as bases territoriais do autoproclamado califado, fornecer pontos logísticos que permitam o controle de novas localidades, além de institucionalizar sua presença na região do Iraque e da Síria.

Palavras-chave: Estado Islâmico. War. Síria. Iraque.

Abstract: The article discusses the urban strategy of the Islamic State of Iraq and the Levant (2014-2015) in the region of its primary action between the years 2014 to 2015. The article analyzes how the organization uses its dominion over territories to build the territorial bases of the self-proclaimed caliphate, provide logistical points that allow the control of new localities, and institutionalize their presence in the region of Iraq and Syria.

Keywords: Islamic State. War. Syria. Iraq

Cláudio Júnior Damin

Universidade Federal do Pampa.

São Borja, RS, Brasil.

superdamin@terra.com.br

Recebido em: 16 nov. 2018

Aprovado em: 23 maio 2019

COLEÇÃO MEIRA MATTOS

ISSN on-line 2316-4891 / ISSN print 2316-4833

<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/index>



1 Introdução

A atuação do grupo denominado de Estado Islâmico do Iraque e do Levante¹ (EIIL) se tornou uma ameaça crescente a governos não apenas do Ocidente, mas também a regimes do Oriente Médio. É representativa dessa situação a ampla coalizão que, liderada pelos Estados Unidos, utilizou-se do poder aéreo para atacar posições dos extremistas particularmente na Síria e no Iraque. A partir do segundo semestre de 2015 doze nações passaram a combater a presença do EIIL na região, incluindo países diretamente afetados pela expansão dos guerreiros do califado como Arábia Saudita, Jordânia e Turquia.

Essa percepção de que o EIIL é uma ameaça existencial ao sistema internacional westfaliano baseado no paradigma do Estado-nação se deve, em boa medida, à estratégia de expansão empreendida pela organização desde que, em junho de 2014, Abu Bakr al-Baghdadi, alegando descendência de Maomé, proclamou a formação de um califado islâmico e se colocou como o chefe supremo desse empreendimento. Essa proclamação, emblemática para a cena jihadista no Oriente Médio, se deu, no entanto, apenas após alguns ganhos territoriais, dentre os quais o mais importante a captura de Mosul, segunda cidade mais populosa do Iraque.

Dentro desse contexto, o artigo tem como objeto de estudo a estratégia urbana do grupo EIIL na região de sua atuação primária entre os anos de 2014 a 2015. O objetivo é o de analisar como a organização utilizou-se de seu domínio de cidades sírias e iraquianas para construir as bases territoriais do autoproclamado califado, fornecer pontos logísticos que permitiram o controle de novas localidades, além de institucionalizar sua presença na região do Iraque e da Síria.

Ao atingir um controle territorial muito significativo com o controle de cidades e seus entornos, a hipótese do artigo assevera que o sustentáculo para a força e a resiliência do EIIL, a despeito dos ataques aéreos da coalizão, foi o domínio exercido nos centros urbanos do Iraque e da Síria.

Frise-se que o controle territorial do EIIL deve ser compreendido enquanto um processo que cessou no tempo, uma vez que no final de 2017 a Rússia, o governo iraquiano e as forças armadas americanas anunciaram que o grupo insurgente não mais controlava qualquer cidade tanto na Síria quanto no Iraque.

Para fins deste artigo, portanto, é proposto um recorte temporal que se inicia com a conquista de Raqqa, na Síria, e se limita à queda de Ramadi, no Iraque, compreendendo os anos de 2014 e 2015. Trata-se de um período em que ocorreu uma rápida e agressiva expansão do território controlado pelo grupo, rivalizando com o biênio 2016-2017 em que as perdas de terreno fragilizaram enormemente a organização.

O artigo analisa, portanto, um fenômeno circunscrito a um determinado período de tempo entre 2014 e 2015 que poderíamos considerar enquanto o “auge” das atividades do EIIL, já que marca a conquista e a manutenção, por parte do grupo, de territórios na Síria e no Iraque. É um período que retrata como a fraqueza de estados nacionais como Síria e Iraque permitiram o fortalecimento de uma organização que buscava substituir esses estados por uma outra configuração governamental, o califado.

1 O nome em árabe do EIIL é *ad-Dawla al-Islamiya fi'l-Iraq w'ash-Sham*. “Sham” tem sido comumente traduzido como sendo “Levante” ou “Síria”. Ocorre, no entanto, que “Sham” possui um significado mais ampliado de um território que se pode considerar como sendo a “Grande Síria” e formado por Líbano, Jordânia, Palestina e a Síria dos dias atuais (HAMDAN, 2016).

2 O mapa de al-Zarqawi

A estratégia urbana do EIIL deita suas raízes no período da insurgência sunita no Iraque iniciada após a invasão anglo-americana e a derrubada do regime de Saddam Hussein no ano de 2003. Um dos principais líderes dessa insurgência foi Abu Musab al-Zarqawi, jordaniano do ramo sunita do islamismo que estabeleceu, com a aquiescência de Osama bin Laden, um plano para expelir as forças militares ocidentais do Iraque (LISTER, 2014).

A partir de táticas militares não convencionais associadas aos chamados conflitos irregulares, al-Zarqawi tornou-se o chefe do grupo então denominado de Al-Qaeda no Iraque (AQI), uma afiliada da organização terrorista estruturada na liderança do extremista saudita. Um dos objetivos do grupo de al-Zarqawi, assim como da organização de bin Laden, era o estabelecimento de um califado que compreenderia inclusive o território iraquiano e que uniria a comunidade islâmica e primordialmente sunita (ZIMMERMAN, 2013).

Compreende-se por califado uma configuração estatal islâmica, cujo domínio é exercido por um governante supremo em termos políticos e religiosos (FUKUYAMA, 2013). Califado, assim, pode ser entendido enquanto um Estado islâmico liderado pelo chamado califa, que precisa necessariamente ter descendência com Maomé e sendo considerado uma espécie de sucessor do Profeta (LIEBL, 2009). Segundo Napoleoni (2015), o Califado Otomano que perdurou de 1453 a 1924 foi um dos mais importantes, expandindo-se até a Europa a partir do exercício do poder dos sultões turcos. Neste artigo, portanto, ao falarmos de califado estamos nos referindo a uma configuração estatal que faria erodir as atuais fronteiras dos países do Oriente Médio.

Para cumprir um objetivo tão amplo de restabelecimento do califado, a AQI apostou no tencionamento entre os ramos sunita e xiita da população iraquiana. Mesmo sendo minoritários (30%), os sunitas sempre estiveram ligados ao poder, seja no regime monárquico ou no ditatorial de Saddam Hussein (POLK, 2006). Os xiitas (60%), por sua vez, restaram aliados das posições de poder de mando na burocracia secular e também nas corporações militares. A partir da intervenção anglo-americana em 2003, há uma reconfiguração dessas forças, passando os xiitas a controlar as mais importantes posições do primeiro governo pós-Saddam (MABON; ROYLE, 2017).

Essa mudança na geometria interna de poder no país foi além e em 2004 as conhecidas “leis Bremmer”² decretaram a desmobilização do exército do Iraque, incluindo a chamada Guarda Republicana, além de colocar na clandestinidade o antigo partido de sustentação do regime, o Partido Baath, de matiz secular. Tais normas, estabelecidas por um agente alienígena ao contexto iraquiano, produziram uma grave crise, uma vez que os elementos sunitas ligados a Saddam – burocratas, políticos e militares – passaram a ser considerados como que inimigos do eventual novo Iraque que surgiria com a sustentação de Washington. Do dia para a noite, em especial, o país viu a erosão de suas forças militares e policiais, com claros prejuízos à segurança pública.

O mais importante, no entanto, foi o ressentimento criado em função do claro alijamento dos sunitas na configuração do Iraque liberto do regime autoritário da família Hussein. Os xiitas,

2 Em referência ao primeiro administrador norte-americano no Iraque após a intervenção, o diplomata Paul Bremmer.

assim como em parte os curdos³, acessaram as posições de liderança no país e estabeleceram um domínio nas forças de segurança que seriam recriadas e treinadas por oficiais norte-americanos. Nesse contexto, os sunitas passaram a ser pejorativamente rotulados como a antiga classe dirigente, associada ao regime de Saddam e, em função de suas limitações quantitativas e de um boicote, não conquistaram o cargo de primeiro-ministro nas primeiras eleições parlamentares do país após invasão e realizadas em 2005 (KATZMAN; HUMUD, 2016).

Foi justamente a partir dessa conjuntura colocada na época que al-Zarqawi estruturou uma estratégia de desestabilização do regime xiita associado às forças militares norte-americanas. A insurgência foi majoritariamente promovida por grupos e milícias sunitas, muitos deles atrelados à AQI. A violência sectária e contra as forças de ocupação atingiu seu ápice em 2006 e boa parte de 2007 quando tecnicamente existiu uma guerra civil no território iraquiano (KAGAN, 2007; PETRAEUS, 2007).

Em algumas regiões do país ocorreu, em um primeiro momento, uma bem-sucedida aliança entre os grupos insurgentes sunitas e lideranças tribais contra as forças militares dos Estados Unidos. Isso significou, em termos práticos, que a AQI passou a estabelecer determinadas zonas de influência e, no limite, deteve o controle de vilarejos, distritos e até cidades. O caso mais emblemático foi o domínio sobre boa parte das cidades e vilarejos da província de Anbar, cuja capital, a cidade de Ramadi, passaria a ser controlada pelos insurgentes do EIIL em maio de 2015 e que, em dezembro do mesmo ano, seria retomada pelo governo iraquiano. Essa província, majoritariamente sunita, foi responsável por 30% das baixas militares norte-americanas entre 2003 e 2011, período da guerra contra o Iraque (IRAQ..., 2015).

Em termos geográficos, a insurgência concentrou-se no chamado “triângulo sunita”, uma vasta região do Iraque que compreende ao norte a cidade de Mosul, a oeste a localidade de Rutbah e a leste a capital Bagdá. Trata-se de uma importante porção territorial que abriga boa parte dos sunitas iraquianos, o que conferiu aos grupos insurgentes estabelecer zonas de influência e de apoio popular, além de instituir pontos logísticos importantes na tentativa de derrubar o governo dominado por xiitas e alicerçado na presença militar norte-americana (AL-JABOURI; JENSEN, 2012).

Al-Zarqawi morreu em um ataque aéreo dos Estados Unidos no início de junho 2006 na cidade de Baqubah, não testemunhando, portanto, o cumprimento ou não de seu objetivo de estabelecer o califado. Junto ao corpo do líder insurgente foi encontrada uma folha com um desenho em formato de figuras geométricas e anotações associadas a setas indicando posições (LEWIS, 2014a; ROGGIO, 2014). Tratava-se de um mapa que revelava a grande estratégia do jordaniano para derrubar o regime iraquiano. Fundamental para a compreensão da guerra civil iraquiana, o mapa passou a ser conhecido como “Cinturão de Bagdá” e apresentava, na visão de al-Zarqawi, o plano para estabelecer o califado a partir da capital iraquiana.

Havia, mais precisamente, cinco “cinturões” ou setores a circundar Bagdá: 1) o meridional, compreendendo as províncias de Babil e Diyala; 2) o ocidental, em que figurava a província de Anbar e a área de Thar Thar; 3) o cinturão do norte que incluía a província de Salah-ad-Din; 4) o “cinturão de Diyala” com as cidades de Baqubah e Khadis; 5) o oriental, abarcando áreas rurais ao

3 Saliente-se que os curdos são essencialmente caracterizados em função de sua particularidade enquanto grupo étnico-linguístico e não como um segmento religioso, por exemplo, do islamismo. Segundo pesquisa realizada em 2014 pelo *Pew Research Center*, 98% dos curdos iraquianos se declararam sunitas e apenas 2% identificaram-se como xiitas. No Iraque esse grupo concentra sua presença na chamada Região do Curdistão, autônoma e com governo próprio, uma das mais desenvolvidas do Iraque, porém ainda subordinada, em muitos aspectos, ao governo federal iraquiano (MARCUS, 2007). Os curdos também estão dispersos enquanto minoria em vários países da região como Síria, Irã e Turquia.

leste de Bagdá (LEWIS, 2014; ROGGIO, 2014a). Esses setores revelam uma estratégia de ocupação de território e formação de zonas de influência capazes de erodir, de fora para dentro, todo o aparato administrativo e militar concentrado na capital do país. Todas essas zonas que compreendem os cinturões de Bagdá se tornaram as mais mortíferas e violentas durante a insurgência (DAMIN, 2016).

A partir do controle de províncias, cidades, vilarejos e distritos urbanos, a estratégia era precisamente a de fornecer bases logísticas para o cometimento de ataques terroristas em Bagdá e assim aos poucos minar a legitimidade do regime ancorado na presença das forças militares norte-americanas. A estratégia sustentava-se, pois, claramente na necessidade de um controle territorial prévio à conquista da capital do país.

O domínio de Anbar pelos insurgentes, por exemplo, foi capaz de disponibilizar o controle de uma ampla malha rodoviária que era extremamente funcional para o movimento de insurgentes estrangeiros, uma vez que essa província é fronteira com Síria e Jordânia. Conforme aponta Kagan (2007), membros da AQI estabeleceram linhas de comunicação entre as principais cidades de Anbar, a insurgência infiltrada nos distritos de Bagdá e também em Mosul.

Dyjala, por sua vez, também foi controlada por milícias sunitas formadas por antigos membros do Partido Baath, a tal ponto de al-Zarqawi ter designado a província como a capital do califado islâmico perseguido por sua organização (KAGAN, 2007). A exemplo do que ocorreu com Anbar, a posição geográfica de Dyjala, uma vez controlada por insurgentes, possibilitou rotas para que os militantes pudessem com relativa facilidade adentrar na região metropolitana de Bagdá e cometer atos terroristas contra as forças de ocupação e comunidades xiitas.

O mapa de al-Zarqawi é, portanto, extremamente importante porque aponta o controle do território como um pré-requisito para a consecução do califado. Mesmo que por alguns meses a violência contra militares e civis registrada em Bagdá tenha sido extremamente elevada, a AQI nunca conseguiu controlar a capital e seu domínio sobre os cinturões mostrou-se incapaz de perdurar no tempo.

Em 2007, com a guerra praticamente “perdida”, os Estados Unidos promoveram uma inflexão em sua estratégia no conflito. Washington, mesmo que tardiamente, percebeu que a estratégia dos grupos insurgentes, sejam sunitas ou até mesmo os xiitas, concentrava-se precisamente em adquirir *status* de soberano de territórios, impondo medo aos civis, homicídios aos grupos étnicos adversários e a promoção de alianças com lideranças tribais locais. Essas medidas orientariam a conquista de Bagdá e a derrubada do governo iraquiano com a proclamação do califado sustentado na lei islâmica.

Foi nessa necessidade de conter o avanço principalmente da AQI que os Estados Unidos passaram a implementar táticas de contrainsurgência. Dentre as medidas, no início de 2007 o presidente George W. Bush determinou o envio de 20 mil novos militares para o Iraque. A maior parte desse contingente foi distribuída entre Bagdá e suas províncias mais próximas, não por acaso os “cinturões” demarcados por al-Zarqawi. Essa elevação do número de militares ficou conhecida como o *Surge*, que obteve seus resultados na diminuição da violência no país porque foi utilizada primacialmente para a proteção dos civis iraquianos.

Essa maior presença de tropas norte-americanas nas comunidades forneceu uma garantia de que a AQI não mais assumiria o controle de territórios e imporia suas táticas brutais, o que tornou possível construir alianças com os *sheiks* sunitas locais contra o domínio de grupos insurgentes nas províncias limítrofes à capital do país – essa foi a origem do chamado “Despertar Sunita” (*Sunni Awakening*).

Não é objetivo do artigo detalhar essa nova estratégia dos Estados Unidos, mas sim chamar a atenção que ela funcionou e os grupos insurgentes foram quase que completamente neutralizados já no terceiro semestre de 2007, algo comprovado pela queda muito significativa de mortes de civis, ataques terroristas e baixas militares tanto dos Estados Unidos quanto das Forças de Segurança Iraquianas.

O que merece nossa atenção é o fato de que quando a AQI perdeu o controle do terreno, sendo expulsa de vilarejos, distritos e cidades, o grupo acabou sendo neutralizado pela estratégia de contrainsurgência liderada pelo general David Petraeus. Sem qualquer controle territorial e com as tropas norte-americanas assumindo o objetivo de proteger os civis, os grupos insurgentes foram grandemente prejudicados em seus esforços para derrubar o regime estabelecido em Bagdá caracterizado pela ocupação, por parte dos xiitas, das principais posições dentro do governo.

Esses grupos, portanto, foram evacuados de logística, de recursos para financiar suas atividades a partir da cobrança de taxas e impostos das populações locais e seus principais líderes passaram a ser caçados e mortos. O Iraque, após 2007, permitiu-se viver momentos de aparente conciliação e um governo aparentemente estável. A estratégia urbana de al-Zarqawi, no entanto, viria a ressurgir anos mais tarde após a retirada das tropas norte-americanas de combate do Iraque no final de 2011.

3 O EIIL e o controle de cidades

O que hoje o sistema internacional conhece como sendo o Estado Islâmico do Iraque e do Levante é produto de uma transformação na cena jihadista iraquiana após a desarticulação da AQI em finais de 2007.

O jihadismo, conforme pontuado por Napoleoni (2015, p. 97), nasce após a morte do Profeta Maomé sendo “fruto do aprimoramento dos ensaios do Alcorão e do Profeta”. A jihad comporta duas dimensões, a “maior” que seria aquela voltada para a espiritualidade de cada muçulmano, e a “menor”, “a luta material contra um inimigo” Ainda conforme Napoleoni (2015, p. 97), a “jihad menor” vincula-se à noção de soberania e como instrumentos “para proteger a comunidade dos fiéis”. No âmbito de um califado, cabe ao líder supremo, o califa, o recrutamento de fiéis para participar da jihad (NANCE, 2016).

Entre os analistas civis e militares há um entendimento amplo de que o EIIL é como que uma espécie de organização sucessora da AQI, surgida a partir dos escombros do grupo de al-Zarqawi. Essa foi, também, a visão oficial preconizada pela administração democrata de Barack Obama (EARNEST, 2014). Um alto oficial do governo chegou mesmo a escrever que o EIIL “[...] é o verdadeiro herdeiro do legado de Osama bin Laden” (TSANG, 2014, p. 1, tradução nossa).

O ressurgimento da AQI aconteceu mais fortemente no ano de 2012, não por acaso após a retirada de quase todo o contingente norte-americano estacionado no Iraque. A organização operou algumas alterações de nomes desde então, passando de AQI para Estado Islâmico do Iraque, após para Estado Islâmico do Iraque e do Levante (início de 2013) até finalmente declarar-se Estado Islâmico (final de junho de 2014).

Além do vácuo militar suscitado pela retirada norte-americana do Iraque no final de 2011, o EIIL voltou a ser beneficiado pela disputa política interna entre xiitas e sunitas. O governo do primeiro-ministro Nouri Kamel al-Maliki, eleito em 2006 e reeleito em 2010, passou a deliberadamente excluir sunitas do governo do país. Um dos vice-presidentes, Tariq al-Hashemi, por exemplo, foi reti-

rado do cargo e condenado, *in absentia*, à morte sob a alegação de que estava apoiando grupos terroristas domésticos (SULLIVAN, 2013). Este vice era sunita e acabou tendo que fugir para a Turquia.

O governo de Maliki também foi extremamente autoritário em sua resposta a manifestações populares sunitas que surgiram, em 2013, nas províncias das regiões Norte e Oeste do país. O premiê xiita empregou as Forças de Segurança Iraquianas para reprimir os protestos de sunitas, produzindo incontáveis mortos e feridos. Com esse tipo de atitude, seu governo acelerou um processo de perda de legitimidade, o que abriu espaço para um novo fortalecimento de grupos insurgentes sunitas, dentre os quais o EIIL foi o principal.

Em termos regionais, alguns eventos da chamada Primavera Árabe, em 2013, também influenciaram para o retorno, agora sob outros moldes, da AQI. Além de não ter produzido regimes poliárquicos estáveis – embora se possa dizer que a Tunísia seria uma espécie de exceção, mesmo que precária –, a Primavera desestabilizou governos autoritários de países importantes como Egito, Líbia e Síria, que passaram a conviver com uma intensa disputa pela soberania do território.

Destes casos, o sírio é especialmente importante para o tema de nosso artigo, uma vez que facções da organização Jabhat al-Nusra⁴, considerada uma afiliada do núcleo dirigente paquistanês da Al-Qaeda, desertaram para formar, juntamente com insurgentes iraquianos, o que passou a ser conhecido como sendo o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ZIMMERMAN, 2013). A degeneração das capacidades estatais da casa alauíta síria de Bashar al-Assad, cuja consequência foi uma guerra civil ainda em andamento, possibilitou a criação de uma organização fortemente enraizada em áreas sunitas na Síria e no Iraque, dois países fronteiriços. O objetivo final do grupo seria o estabelecimento de um califado a partir da desintegração das fronteiras do Oriente Médio e, portanto, consequente destruição dos regimes atualmente estabelecidos.

No segundo semestre de 2013, com o fracionamento da soberania do estado sírio, uma forte presença do ainda chamado Estado Islâmico do Iraque já era diagnosticada no norte da Síria, em várias cidades e povoados rurais. Al-Tamimi (2013), por exemplo, documenta, a partir de fotos, a presença da bandeira típica dos extremistas em várias cidades da Síria. Em muitas localidades, ao mesmo tempo, são narradas manifestações contrárias à presença de elementos do Estado Islâmico do Iraque, existindo uma certa resistência de parte da população em relação aos seus métodos de atuação.

Por meses, a Jabhat al-Nusra e o Estado Islâmico do Iraque (EII) combateram juntos as forças militares regulares de Assad. Essa relação, no entanto, deteriorou-se com o tempo, conforme os fatos narrados por Al-Tamimi (2014). Em abril de 2013 o líder do EII, al-Baghdadi, propôs uma fusão entre seu grupo, com base no Iraque, e a al-Nusra delimitada à Síria. Note-se que essa proposição denotava uma tentativa de internacionalizar a atuação do grupo sunita iraquiano. Foi precisamente nesse contexto que al-Baghdadi alterou a denominação de seu grupo para Estado Islâmico do Iraque e do Levante, aglutinando lideranças e militantes da Al-Nusra.

Na al-Nusra, no entanto, esse movimento não foi bem recebido. O grupo jihadista foi fundado no início de 2012 e sua liderança máxima, Abu Mohammed al-Jowlani, não concordou com a união com os jihadistas iraquianos, abrindo espaço para a cisão entre as duas organizações (AL-TAMIMI, 2014). Em um ato de grande simbolismo, o líder da Al-Nusra renovou seu *bay'ah* (juramento de fidelidade) com o núcleo da Al-Qaeda, liderado pelo emir Ayman al-Zawahiri, pas-

4 Esse grupo também passou a ser conhecido como Frente Nusra ou, ainda, Frente al-Nusra.

sando apenas essa organização a ser considerada a afiliada da Al-Qaeda na Síria. Em julho de 2013 essa divisão entre os dois grupos já estava clara.

Esse processo mostra que o EIIL precisou, em um primeiro momento, dividir o poder com outros grupos jihadistas para apenas depois passar a controlar sozinho o vasto território que dominou entre 2014 e 2015 na porção leste da Síria. O caso da cidade de Raqqa, considerada a capital do califado, é paradigmático nesse sentido.

A cidade foi capturada por Abu Sa'ad al-Hadrami em março de 2013, sendo que até julho daquele ano há uma simbiose entre a Al-Nusra e o EII no que concerne à administração da cidade. Com a carta do emir da Al-Qaeda, no segundo semestre de 2013, em que estabelece uma distinção entre a Al-Nusra e o EII, al-Hadrami e seus apoiadores retiram-se de Raqqa e migram para Tabqa, sendo que retornam à cidade em setembro agora sob a denominação única de Jabah Al-Nusra (AL-TAMIMI, 2014).

Considera-se que apenas em janeiro de 2014 o EIIL passou a deter a soberania de Raqqa, após meses de intensas disputas com outros grupos pelo controle da cidade. Outros municípios e vilarejos do norte sírio e próximas a Aleppo também capitularam ao EIIL nos primeiros meses de 2014. Conforme escreve Al-Tamimi (2014), estabelecer a soberania última sobre territórios seria uma característica básica e distintiva da organização.

[...] apesar do alcance político do EIIL, o grupo enfrenta um problema fundamental ao lidar com outras facções rebeldes e, assim, consolidar o controle político. Isso se deve, em parte, porque o EIIL já se vê não apenas como um “grupo” ou “facção” a exemplo de outros rebeldes, mas sim como um “estado” que tem a prerrogativa de governar todos os outros. Portanto, o EIIL é inerentemente pouco disposto a compartilhar poder e frequentemente adota uma abordagem particularmente brutal para lidar com outras facções rebeldes. (AL-TAMIMI, 2014, p. 8, tradução nossa)

A questão suscitada aqui é básica, a saber, a necessidade de um Estado possuir um determinado território sob seu controle. Ao controle do terreno deve vir acompanhada a questão da legitimidade interna a fim de que um regime possa ser estabelecido. Essa oportunidade, para o EIIL, surgiu primeiramente na Síria. Conforme acentuou Napoleoni (2015, p. 84), essa “migração para a Síria era seu último cartucho na luta pela sobrevivência”, uma vez que, “no fim de 2010, o Estado Islâmico do Iraque estava à beira da extinção”.

Janeiro de 2014, além de marcar o predomínio do EIIL sobre Raqqa, também apresentou ganhos territoriais no Iraque. Faluja, cidade importante do triângulo sunita iraquiano, também passou a ser controlada pelos combatentes do califado. Pode-se dizer que foi uma das primeiras conquistas territoriais efetivas do EIIL no Iraque, o que ocorreu meses antes da proclamação do califado. Faluja é uma cidade localizada na província de Anbar e distante 70 quilômetros de Bagdá, fazendo, portanto, parte do cinturão da capital.

O histórico de Faluja, pós-intervenção norte-americana em 2003, é de uma região em que grupos insurgentes sunitas recebem apoio tanto de parte da população quanto de líderes tribais. Os conflitos entre forças insurgentes e os militares norte-americanos foram intensos durante a guerra, uma vez que a AQI passou a ter na cidade um apoio logístico importante para atacar Bagdá, além de impor suas próprias regras às comunidades locais. Na chamada segunda batalha de

Faluja, transcorrida entre novembro de dezembro de 2004, a título de exemplo, 95 militares foram mortos na tentativa de expelir os extremistas da região (BYERS, 2007). Mais tarde Faluja foi libertada pelas forças ocidentais de ocupação, porém foi uma das primeiras cidades a ser recapturada pelos insurgentes sunitas, agora aglutinados no EIIL.

Note-se que nos primeiros meses de 2014, em que pese o avanço do EIIL na Síria e no Iraque, o califado ainda não havia sido proclamado. Hoje parece clara a estratégia de al-Baghdadi: obter controle territorial para apenas depois proclamar o califado. E o anúncio do estabelecimento do califado viabilizou-se em função da ofensiva da organização em junho de 2014, particularmente no Iraque.

Mosul, a segunda cidade iraquiana mais populosa, e de maioria sunita, foi capturada pelos extremistas em 10 de junho. À sua capitulação seguiram-se outras vitórias militares do EIIL, com o controle, dentre outras, de cidades como Ryaad, Hawija, Karma, Rabia, Rawah, Ruthbah e Walled no mesmo mês, além de Sinjar e Bashiqa em agosto e Hit e Al Wafa em outubro de 2014. Foi, no entanto, a conquista de Mosul que alertou o Ocidente sobre o que estava acontecendo no Iraque, ou seja, o retorno da insurgência após supostamente ter sido desmantelada no final da década de 2000 (LEWIS, 2014b).

A queda de Mosul revelou a fragilidade das capacidades estatais do Iraque, particularmente de suas forças de segurança. A cidade pereceu diante do EIIL sem qualquer resistência mais substantiva, muito embora existisse a presença de regimentos iraquianos na região. Segundo Cockburn (2015), o EIIL tentou capturar a cidade com cerca de 1.300 elementos, ao passo que as forças iraquianas – exército, policiais federais e locais – perfaziam 60.000. Essa extrema vantagem numérica, entretanto, era apenas teórica, pois:

Era tal a corrupção prevalecente nas forças de segurança iraquianas que apenas um de cada três elementos se encontrava presente em Mosul e o resto pagava a metade de seu salário a seus oficiais para ter uma licença permanente. (COCKBURN, 2015, p. 29, tradução nossa)

Não por acaso que o assalto do EIIL inicia-se em 06 de junho e quatro dias depois é proclamada uma importante vitória militar pela organização. Um dia antes de os extremistas fincarem definitivamente a bandeira do Estado Islâmico, três generais baseados em Mosul fugiram de helicóptero para a região do Curdistão, sinalizando que a cidade não mais poderia ser recuperada pelas forças regulares iraquianas (COCKBURN, 2015).

As conquistas de Mosul e Raqqa transformaram-se nos grandes feitos do grupo, influenciando decisivamente para que, no final de junho de 2014, o califado tenha sido finalmente proclamado. Isso porque, na acepção de MCFate (2015), os ganhos territoriais crescentes no primeiro semestre de 2014, consequências de um processo já em andamento de infiltração na Síria e no Iraque, produziram o que a autora apropriadamente denominou de “califado físico”. Frise-se que não por acaso a organização proclamou seu “Estado” apenas depois de tornar-se a soberana de determinadas áreas habitadas na região.

O controle sobre cidades, nesse sentido, passa a ser utilizado como um recurso de poder para o EIIL, fornecendo a ele também as condições básicas para legitimar-se entre as populações do Iraque e da Síria. O foco nas periferias das grandes cidades também encorajou o sectarismo entre sunitas e xiitas, a aposta da organização para impor sua legitimidade e poder de mando. Havia presente, ainda, uma estratégia de minar o controle do estado iraquiano nos centros urbanos, fazendo

capitular distritos e vizinhanças. Ao final, os prédios do governo, conforme atesta o caso de Mosul, foram transformados em espaços burocráticos da organização.

À dominação propriamente militar das cidades seguiu-se um esforço burocrático que buscava a institucionalização do poder da organização. O EIIL dotou-se de um método de institucionalização nas zonas urbanas composto, por exemplo, pelo apontamento de administradores locais, criação de governadorias, adoção da *sharia* e o consequente estabelecimento de tribunais, cobranças de impostos e permanente recrutamento de novos soldados do califado. Além, portanto, de deter o monopólio do uso da força, também o EIIL impõe-se como a estrutura administrativa soberana. Conforme abundantes registros de Al-Tamimi (2015a, 2015b), em Mosul a organização criou departamentos para regular a vida cotidiana dos indivíduos, suprimindo qualquer menção à “República do Iraque” e a substituindo por “Estado Islâmico”.

O controle de cidades por parte do EIIL também solucionou, ao menos em parte, o problema do financiamento de suas ações. Em Mosul, por exemplo, milhões de dólares foram pilhados do banco da cidade. E taxas e impostos eram regularmente coletados nas dezenas de cidades dominadas pelos extremistas. Além disso, em muitos casos o grupo passou a controlar refinarias e poços de petróleo, o que fomentou a prática da venda de óleo e combustível no chamado “mercado negro”. Em novembro de 2015, por exemplo, centenas de caminhões-tanque do EIIL foram destruídos pela aeronáutica russa na Síria.

A captura de cidades também forneceu armas e munições aos insurgentes. Novamente citando o caso de Mosul, após sua queda, paradas militares foram presenciadas em que soldados do califado desfilaram em tanques de guerra e veículos blindados de origem norte-americana e que eram utilizados pelo Exército do Iraque. Na Síria, o avanço do grupo nas cidades também propiciou que o EIIL se apropriasse de armas do regime de Assad.

Controlar cidades potencializou, ainda, a propaganda do EIIL. A organização utilizou suas vitórias militares para publicizar a existência de um califado tangível, iniciado na Síria e no Iraque, de modo a seduzir novos *jihadistas*, inclusive de país da Europa, para se integrarem às fileiras do EIIL. Em julho de 2014 passou a circular a Dabiq, revista digital oficial do grupo.

O padrão de dominância do EIIL em centros urbanos dificultou enormemente o seu combate pela coalizão que a partir de agosto de 2014 começou a lançar ataques aéreos contra o grupo. As limitações de ação apresentavam-se claras, uma vez que bombardear diretamente os centros urbanos controlados pela organização significaria produzir efeitos adversos como a morte de civis. A própria distinção entre combatentes e não combatentes, típica dos conflitos regulares, não ocorre nas cidades controladas pelo EIIL, uma vez, por exemplo, que os extremistas se misturam com os não combatentes.

Uma das características do EIIL é que ele se tornou uma organização predominantemente urbana, disputando a soberania sobre determinados territórios tanto com o governo sírio quanto iraquiano. E nas diversas cidades que controlou entre 2014 e 2015 o grupo tornou-se o soberano hobbesiano, impondo suas instituições às populações locais. Dessa realidade derivam, em boa medida, as dificuldades decorrentes para a libertação desses territórios urbanos sob domínio dos militantes do califado.

A utilização do poder aéreo apresentou seus limites claros, uma vez que externalidades negativas como a morte de civis se apresentaram quando de bombardeios em áreas densamente povoadas, por exemplo, de Mosul. Isso significou que a libertação das cidades dependia de com-

bates no terreno, com tropas terrestres avançando de casa em casa. Não por acaso que as forças de segurança iraquianas levaram quase nove meses para declarar Mosul livre do EIIL. Sem tropas em solo, e baseando-se apenas nos recursos de ataques aéreos, dificilmente as cidades sairiam das mãos do grupo insurgente, mesmo que o poder aéreo tenha sido fundamental para interromper as rotas logísticas do grupo no interior da Síria e do Iraque. Os bombardeios por si só não derrotaram a organização, mas enfraqueceram seu controle sobre territórios, cidades, distritos e zonas rurais, controle esse completamente perdido no final de 2017.

4 Considerações finais

Conforme abordado nas seções anteriores, o EIIL utilizou-se de uma estratégia urbana de conquistas para institucionalizar sua presença na Síria e principalmente no Iraque de modo a viabilizar a consecução do principal objetivo do grupo: a formação de um califado transnacional a partir da erosão das atuais fronteiras dos estados do Oriente Médio.

O “califado físico”, no entanto, entrou em crise e atualmente voltou a ser apenas um desejo dos insurgentes remanescentes em função das contínuas derrotas militares anotadas no ano de 2017. O califa encontra-se em lugar incerto e seus “guerreiros” não exibem mais qualquer ímpeto expansionista e ofensivo no Iraque e na Síria. Suas cidades mais lucrativas, Mosul e Raqqa, foram retomadas por forças oficiais em julho e outubro, respectivamente. No final de novembro o grupo perdeu o domínio sobre sua última cidade, Rawa, no Iraque.

A 07 de dezembro de 2017, por fim, a Rússia declarou que a Síria estava livre do domínio do EIIL e dois dias Bagdá também anunciou que o território iraquiano encontra-se completamente liberto do domínio territorial da organização sobre suas cidades. O EIIL sucumbiu à perda de seus territórios conquistados pela força e contra os governos estabelecidos do Iraque e da Síria. Isso não significa, por óbvio, o desaparecimento do grupo insurgente, mas é uma vitória contra o estabelecimento de um califado baseado na perversão da interpretação religiosa e na violência. A partir da perda de seus territórios, o EIIL alterou suas práticas, retornando à realização de ataques terroristas sectários com artefatos explosivos improvisados em centros urbanos iraquianos.

Referências

- AL-JABOURI, N. A.; JENSEN, S. The Iraqi and AQI roles in the Sunni Awakening. **Prism**, Washington, DC, v. 2, n. 1, p. 3-18, 2012.
- AL-TAMINI, A. J. Al Qaeda Expands into Northern Syria. **Middle East Forum**, Philadelphia, 18 July, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2ZK03Dg>. Acesso em: 15 out. 2015.
- AL-TAMIMI, A. J. The dawn of the Islamic State of Iraq and ash-Sham. **Current Trends in Islamist Ideology**, Washington, DC, v. 16, p. 5-15, 2014.
- AL-TAMIMI, A. J. Aspects of Islamic State (IS) Administration in Ninawa Province: Part I. **Aymenn Jawad Al-Tamimi**, [S. l.], 17 Jan. 2015a. Disponível em: <https://bit.ly/1fhI3sB>. Acesso em: 10 out. 2015.
- AL-TAMIMI, A. J. Aspects of Islamic State (IS) Administration in Ninawa Province: Part II. **Aymenn Jawad Al-Tamimi**, [S. l.], 20 Jan. 2015b. Disponível em: <https://bit.ly/2NpqUUb>. Acesso em: 10 out. 2015.
- BYERS, M. **A Lei da Guerra**: direito internacional e conflito armado. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- COCKBURN, P. **Isis**: el retorno de la yihad. Buenos Aires: Ariel, 2015.
- DAMIN, C. J. Violência e baixas militares norte-americanas na Guerra do Iraque (2003-2011). **Revista de Estudos Internacionais**, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 148-170, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2RwllQY>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- EARNEST, J. Press Briefing by Press Secretary Josh Earnest. **The White House**, Washington, DC, 11 Sept. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2J5SX5z>. Acesso em: 15 abr. 2015.
- FUKUYAMA, F. **As origens da ordem política**: dos tempos pré-humanos até a Revolução Francesa. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- HAMDAN, A. N. Breaker of Barriers? Notes on the geopolitics of the Islamic State in Iraq and Sham. **Geopolitics**, Philadelphia, v. 21, n. 3, p. 605-627, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2Xu4R2l>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- IRAQ Coalition Casualty Count (2003-2015). **iCasualties.org**, [S. l.], 2015. Disponível em: <http://icasualties.org/Iraq/index.aspx>. Acesso em: 12 mar. 2015.
- KAGAN, F. W. **Choosing Victory**: a plan for success in Iraq. Phase I Report. Washington, DC: American Enterprise Institute, 5 Jan. 2007. A Report of the Iraq Planning Group at the American Enterprise Institute. Disponível em: <https://bit.ly/2XFuddP>. Acesso em: 25 jun. 2019.

KATZMAN, K.; HUMUD, C. E. **Iraq**: politics and governance. Washington, DC: Congressional Research Service, 9 Mar. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2Xs4g1b>. Acesso em: 5 out. 2017.

LEWIS, J. D. **ISIS Battle Plan for Baghdad**. Washington, DC: ISW, 2014a. (Backgrounder June 27, 2014). Disponível em: <https://bit.ly/2Xdrk0I>. Acesso em: 25 jun. 2019.

LEWIS, J. D. The Terrorist Army Marching on Baghdad. **Wall Street Journal**, New York, 12 Jun. 2014b. Disponível em: <https://on.wsj.com/2ZRIQbn>. Acesso em: 10 out. 2015.

LIEBL, V. The Caliphate. **Middle Eastern Studies**, Abingdon, v. 45, n. 3, p. 373-391, May 2009.

LISTER, C. **Profiling the Islamic State**. Doha: Brookings Doha Center, Nov. 2014. (Brookings Doha Center Analysis Paper, 13). Disponível em: <https://brook.gs/2nkVmiM>. Acesso em: 10 jan. 2015.

MABON, S.; ROYLE, S. **The Origins of ISIS**: the collapse of nations and revolution in the Middle East. London: I. B. Tauris, 2017.

MARCUS, A. Turkey's PKK: rise, fall, rise again? **World Policy Journal**, Durham, NC, v. 24, n. 1, p. 75-84, spring 2007.

MCFATE, J. L. **The ISIS Defense in Iraq and Syria**: countering and adaptive enemy. Washington, DC: ISW, May 2015. (Middle East Security Report, 27). Disponível em: <https://bit.ly/1Ht7Rey>. Acesso em: 10 out. 2015.

NANCE, M. **Defeating ISIS**: who they are, how they fight, what they believe. New York: Skyhorse Publishing, 2016.

NAPOLEONI, L. **A fênix islamita**: o Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

PETRAEUS, D. H. **Congressional Testimony**: report to Congress on the situation in Iraq. Washington, DC: Defense Technical Information Center, 2007. ADA473579. Disponível em: <https://bit.ly/2NccO8q>. Acesso em: 20 jan. 2015.

POLK, W. **Understanding Iraq**. New York: Harper Perennial, 2006.

ROGGIO, B. Analysis: ISIS, allies reviving 'Baghdad belts' battle plan. **Long War Journal**, [S. l.], 14 June 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2J4aWcD>. Acesso em: 25 jun. 2019.

SULLIVAN, M. **Maliki's Authoritarian Regime**. Washington, DC: ISW, Apr. 2013. (Middle East Security Report, 10). Disponível em: <https://bit.ly/2kIvmui>. Acesso em: 15 maio 2018.

TSANG, D. To justify ISIS airstrikes, Obama using legislation he wants repealed. **PunditFact**, Washington, DC, 18 Sept. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2KFgxcj>. Acesso em: 16 abr. 2015.

ZIMMERMAN, K. **The Al Qaeda Network**: a new framework for defining the enemy. Washington, DC: American Enterprise Institute, Sept. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2ZItmpZ>. Acesso em: 6 jan. 2015.